Louis Lavelle Da Santidade

I. OS SANTOS EM MEIO A NÓS

Os santos estão em meio a nós. Mas não logramos sempre reconhecê-los. Não cremos que possam habitar nesta terra. Pensamos que eles deixaram-na. Invocamo-los como se estivessem todos no céu, deles só podendo esperar graças invisíveis e sobrenaturais. Seria muita ousadia querer imitá-los: nosso nome de batismo nos sugere apenas a idéia de uma proteção que eles nos poderiam dar; eles tornaram-se ministros de Deus e os dispensadores de seus dons. Contudo, é sua morte que faz deles santos, ela é que realizou a transfiguração espiritual sem que seriam tão-somente homens como nós. Nesse momento, estão de tal modo purificados que deles só subsiste uma vaga idéia de uma virtude que incarnaram e que despertam em nós, por meio de sua imagem, sem que possamos esperar igualá-los. Para nós, seria derisório pensar que um homem que pudemos ver e tocar, de que observamos as fraquezas, os ridículos e as faltas, que se misturou com nossa vida e cuja fronte não possuia auréola, tenha trilhado à nossa presença o caminho da santidade sem que houvéssemos sabido algo. Todavia, a santidade é invisível na terra como no céu, e muito mais difícil de discernir quando se reveste das aparências que quando temo-la em nosso pensamento como uma imagem ou idéia.
Todavia, o santo não é um puro espírito. Não poderíamos confundi-lo com um anjo. Mesmo a morte não poderia fazer dele anjo. Pois a santidade pertence, antes do mais, a terra. Ela testemunha que a vida que levamos aqui, totalmente mesclada com o corpo, com suas fraquezas, com suas trivialidades, é capaz de receber o reflexo de uma luz sobrenatural, que pode adquirir uma significação que a ultrapassa, que nos ensina não apenas a suportá-la, mas a querê-la e amá-la. Sempre se nos dá que o santo é um ser de exceção, que se apartou da vida comum, que não participa mais de sua miséria e que vive em comunhão só com Deus, não mais conosco. Mas isso não é verdade: por viver em comunhão com Deus, ele é único homem que vive em comunhão conosco, enquanto todos os outros permanecem, até certo ponto, apartados.
Nenhum sinal exterior o distingue do passante, sobre que nosso olhar não se detém. Aparentemente, sua vida parece a vida de todos os homens. Vemo-lo preocupado do dever que lhe foi confiado, de que se não parece desviar nunca. Não recusa nada do que lhe é proposto: tudo o que lhe oferecido é-lhe ocasião. Está pronto a todos e a cada um, de uma maneira tão espontânea e tão natural que só faz acrescentar à sociedade que nós mesmos formamos. Não vemo-lo, como se pensa que deveria ser, renunciando à natureza, ou que os defeitos de caráter se lhe acham vencidos e anulados. Pode ser violento e colérico. Ainda está sujeito às paixões. Não busca, como tantos homens, dissimulá-los. Vê-lo submetido a eles é um como escândalo que nos afasta considerá-lo santo, inclinando-nos a considerarmo-nos superiores.
Podemos dizer, sem dúvidas, que mortifica essas paixões, mas elas são uma condição, um elemento de sua santidade. Já que a santidade é, em si, uma paixão ou, se essa palavra choca, uma paixão convertida. Na paixão, há uma força de cuja santidade necessita para afastar-se do preconceito e do hábito. A paixão sempre cria raízes no corpo – é ela que o eleva e o leva para além dele mesmo. Não há nada mais belo que ver este fogo que se alimenta de materiais impuríssimos, cuja chama produz muita luz, no alto.

II. O SANTO SEMPRE VAI ATÉ AO SEU PRÓPRIO ABSOLUTO

Em cada um dos homens que nos cercam, há um santo em potencial, mas não virá a sê-lo sempre. Nele também há um criminoso ou um demônio em potencial. A angústia em que

vivemos – e que a maioria dos modernos pensam que está na própria consciência – exprime a incerteza de saber se um ou outro trinfará algum dia. Os jansenistas sentiram-na. O mais das vezes, pesamos poder nos contentar de uma vida mediocre em que só teríamos tarefas banais a cumprir, interesses temporais a satisfazer. É inerente ao santo ir sempre até ao seu próprio absoluto. Não existe homem cuja vida esteja tão próxima dos movimentos espontâneos da natureza: ele está, por assim dizer, entregue; é de si que tira todo seu ímpeto. Ora, podemos pensar que ele combate essa natureza, mas antes deve-se dizer que impele todos os impulsos ao último grau, até àquele em que eles lhe dão uma satisfação plena, cumulando-o. Obriga-o assim a ultrapassar os limites da natureza de sorte que, por esta feita, a natureza atinja nele o fim para que se inclina. Assim vemos o matemático, na idéia de limite, levar ao infinito uma série de termos e, contudo, superá-los. Da mesma forma, o santo nunca os põe em jogo, mas só nos sugere os sentimentos mais familiares: nenhum homem nos é tão acessível. Ele fará um uso extraordinário desses sentimentos: conseguirá preencher toda sua potência tão-somente ao forçá-los – a fim de se realizarem – a superar o emprego para que os consagramos até então; no momento em que se perfeccionam, parecem que se renunciam ou que se transformam em seu contrário. Assim, reconhecemos no santo todos os impulsos da natureza, e, apesar disso, não os reconhecemos. É um erro pensar que ele só os combate, pois a natureza também vem de Deus. O santo a sobrenaturaliza. Encontra nela sua origem, destino e sentido. Sem dificuldades compreendemos que quem fica preso no interior da natureza não pára de se rebaixar, aviltando todas as forças que a natureza deu a sua disposição. O divino e o demoníaco são compostos dos mesmos elementos. Uma simples inflexão da liberdade basta a transmutar um no outro. É na vida do espírito que a vida da natureza recebe a verdadeira realização. Não ver que a natureza é uma figura é desfigurá-la, é recusar todo valor à imanência, em vez de querer permanecer aí, não divisando que ela vem da transcendência, que ela vai para a transcedência, e é à própria transcedência que dá um acesso – furtivo e precário – que somente a morte pode aperfeiçoar.

III. O SANTO INDIFERENTE À CONDIÇÃO HUMANA

Revelar-nos a relação entre os dois mundos, i. é, entre o material e o espiritual, é próprio à santidade, ou ainda, mostrar-nos que só há um mundo, mas que esse possui uma face obscura e outra luminosa, e que é de tal ordem que podemos deixar-nos seduzir pela sua aparência – com que não cessamos de passar e morrer –, ou penetrar até à sua essência, que se nutre dessa mesma aparência e dela revela-nos a verdade e a beleza. O santo está na fronteira dos dois mundos. Ele é, em meio ao visível, a testemunha do invisível que trazemos ao nosso cerne e que o visível esconde ou revela, conforme a direção do olhar. Convém pois que o santo viva em meio a nós, que se adstrinja a todas as misérias da existência, que pareça até mesmo oprimido por elas a fim que todas as grandezas da terra nos pareçam indiferentes, indicando de maneira notável que os verdadeiros bens estão além. Desta feita pensamos amiúde que é na contrariedade que a vida lhe impõe, no sofrimento que recebe ou que se inflige a si, nas torturas ou no martírio, que a santidade manifesta melhor sua essência. É no martírio que captamos melhor a pureza da testemunha. Mas há outras formas de testemunho que possuem caráter mais secreto. Nem todos os santos são chamados ao martírio. Mas a imaginação tem necessidade dos grandes exemplos para medir a distância entre a santidade e o triunfo. A santidade é um grande triunfo espiritual, indiferente a qualquer outro, desprezando-o.

Ninguém escolhe a condição que lhe será disposta, nem as exigências que lhe poderão impor. A santidade pode estar no trono, onde reconhecemos quase unanimemente que as dificuldades que encontra são maiores. Ela se esconde sob o hábito do mendigo, onde estamos amiúde

mais inclinados a encontrá-la. Ninguém sabe se convém mais esforço para escapar ao demônio do orgulho ou ao da inveja. Em verdade, comprazemo-nos em ver o violento contraste entre a santidade e a condição que lhe é imposta: ela nos parece de modo mais comovente, seja ao píncaro da grandeza humana – esquecida e desprezada –, seja ao último estado da miséria humana – aceita ou amada. Ser naturalmente invisível, tal como o mundo espiritual em que ela nos convida a entrar, é peculiar à santidade. A santidade do mendigo ou do rei não se dá a conhecer sob os traços do mendigo ou do rei. Pois é inseparável duma atitude interior que lhe emprestamos, encontrando em nós um misterioso eco: assim o mendigo e o rei semelham-se ao santo desconhecido com que caminhamos todos os dias, sem que nenhum sinal no-lo faça reconhecer.O santo pode ser um sábio, um teólogo, um fundador de ordens, mas não é por isso que é santo, ainda que a santidade encontre expressão em todas as obras que realiza, como encontraria na maneira de governar ou de estender a mão.

O santo pode ser o homem do povo que parece absorvido das mais simples necessidades, por sua vez solitário e aberto a todos, e cuja vida exterior parece reduzir-se a alguns hábitos de que, por vezes, nos surpreendemos; ou ainda um gesto simples, familar e inesperado, e que contudo resolve, como se tudo só dele dependesse, uma situação que até então parecía-nos inextrincável; ou ainda um sorriso profundo e luminoso que, sem mudar em nada o estado das coisas, modifica entretanto a atmosfera por que as enxergamos. O santo faz, para nós, da vida, um milagre perpétuo, mas que, sem desordenar em nada a ordem natural, revela-se-nos, através dessa mesma ordem, por uma como transparência.